

UNIDADE LINGÜÍSTICA E O SISTEMA NA TEORIA SAUSSUREANA: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL

LEANDRO RODRIGUES ALVES DINIZ¹

RÉSUMÉ: « On ne peut ni se dispenser de les connaître, ni faire un pas sans recourir à elles ; et pourtant leur délimitation est un problème si délicat qu'on se demande si elles sont réellement données » (SAUSSURE, 1969, p. 49). Cet extrait touche un point fondamental de la théorie saussurienne : les unités linguistiques. Selon Saussure (*ibidem*), la délimitation de celles-ci requiert: (i) la segmentation du *continuum* de la parole en composants ; (ii) l'identification de ses unités, ce qui implique la reconnaissance du même élément en occurrences distinctes, quoiqu'ayant des formes ou sens différents. Dans cet article, on discute la complexité de l'exécution de ces tâches-là, en argumentant ensuite que, du point de vue saussurien, la segmentation et l'identification d'une unité exigent la reconnaissance d'un système. À partir de Ducrot (1968), on montre que, si l'on veut justifier une segmentation quelconque, il faut introduire l'élément en question dans une classe d'éléments pour lesquels on admet une analyse identique. Pour fonder cette introduction, il est nécessaire de considérer non pas seulement les éléments de la classe, mais également l'organisation plus ample dans laquelle chaque élément s'intègre. De même, l'identification d'une unité ne peut être faite, à moins que l'on considère d'autres unités qui, paradigmatiquement, constituent ses frontières. Selon Culler (1979), la nature arbitraire du signe elle-même est directement liée à la notion de système. Le fait que les signifiants et les signifiés soient des divisions immotivées d'un continuum implique qu'ils ne sont pas des identités positives, mais des membres d'un système. On revient donc à la théorie de la valeur et, conséquemment, à la notion de système. En bref, comme Ducrot (*op. cit.*) nous explique, bien que la notion d'unité linguistique n'ait pas été introduite par Saussure, celui-ci l'a ressignifiée, certainement.

1. INTRODUÇÃO

Conforme afirma Saussure (1970), para a maioria das ciências, como a Zoologia e a Astronomia, as unidades são dadas de antemão: os animais e os astros, respectivamente. Em outras, como a História, a questão das unidades sequer é colocada – ainda que não sejam reconhecidas, isso não interfere nos estudos. Porém, no campo da Linguística, delimitar as unidades é essencial, visto que a língua é, segundo o autor, um sistema constituído pelo jogo de oposições entre suas unidades, os signos.

Mas assim como o jogo de xadrez está todo inteiro na combinação das diferentes peças, assim também a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas. Não podemos dispensar-nos de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas; e, no entanto, sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato. (*ibidem*, p. 124)

¹ Doutorando em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

A grande dificuldade é que a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados *a priori*. Para tal delimitação, duas tarefas, afirma Saussure, precisam ser levadas adiante: a primeira consiste na segmentação do discurso em componentes; a segunda corresponde à identificação destas unidades, momento em que se coloca a questão de como podemos provar que a mesma unidade se encontra presente em atos de fala distintos.

Neste artigo, objetivamos discutir tais questões, a fim de mostrar que a solução do problema da segmentação ou da identificação de uma unidade pressupõe o reconhecimento de um sistema lingüístico. Para tanto, basear-nos-emos em Ducrot (1968, p. 74), para quem “não se poderia falar de termos numa língua sem se admitir, simultaneamente, uma ordem entre esses termos”. Por fim, tomando como referência principal Culler (1979) – que procura verificar por que, para Saussure (1970, p. 82), o princípio da arbitrariedade do signo lingüístico “domina toda a lingüística da língua” –, argumentaremos que a própria natureza do signo lingüístico nos leva à noção de sistema.

2. A SEGMENTAÇÃO DAS UNIDADES LINGÜÍSTICAS

Segundo Saussure, dois princípios regem toda a questão das entidades concretas de que a língua se compõe. Em primeiro lugar, o signo lingüístico é uma entidade bipartida, constituída pela associação arbitrária entre o significante e o significado. Em segundo lugar, “a entidade lingüística não está completamente determinada até que esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica” (*ibidem*, p. 120). Para o autor, o mecanismo da língua se baseia no jogo de oposições entre estas unidades delimitadas. É este segundo princípio que dá início à problemática que abordaremos ao longo desta seção.

A cadeia fônica, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, de tal forma que seus elementos se apresentam um após o outro. Considerada em si própria, ela é uma linha, um *continuum*, cuja segmentação só é possível se recorrermos à significação. Afinal, não há nenhuma propriedade física na cadeia sonora que justifique determinado recorte. Saussure lembra todas as dificuldades com que nos deparamos ao escutar uma língua desconhecida e tentar recortar no *continuum* fônico as unidades. Isso se deve ao fato de que o recorte é impossível se não levarmos em consideração o significado que deve ser atribuído a cada parte da seqüência. Da mesma forma, como lembra Ducrot (1968), se, por uma abstração impossível na realidade, considerássemos isoladamente a cadeia dos conceitos, independente da realidade fônica, não teríamos razões para supor que ela seria segmentável.

Posto isso, fica claro que Saussure rompe com a tradição das gramáticas gerais do século XVIII, que ensinam, segundo Port-Royal, que existe uma estrutura das idéias, a partir da qual se organiza o enunciado. Em outras palavras, a frase seria uma imagem da idéia, sendo sua organização reflexo da ordem necessária do pensamento. Para Saussure, ao contrário, a própria idéia é uma “massa amorfa”, tanto quanto a matéria fônica. Conforme observa Ducrot (*ibidem*), a língua não fornece, na perspectiva saussureana, um meio fônico para a expressão das idéias, mas funciona como intermediária entre o pensamento e o som, de tal forma que uma união entre esses dois planos leva a delimitações recíprocas de unidades. “Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas” (SAUSSURE, 1970, p. 131). Para explicar melhor esta questão, Saussure recorre a uma

metáfora. O encontro de uma massa de ar com uma massa de água – que são em si mesmas contínuas – produz, na superfície em que as duas substâncias entram em contato, uma série de divisões: as vagas. Da mesma forma, o encontro do pensamento e do som introduz um no outro divisões, inexplicáveis se considerarmos cada um destes planos isoladamente. Pode-se, então, afirmar que, se se encontra fundamento para uma determinada segmentação, ao invés de outra, é porque seus aspectos fônicos e semântico estão unidos, a partir de um vínculo estabelecido pela língua.

O método de delimitação das unidades proposto por Saussure (*ibidem*) é bastante simples, ao menos em teoria. É necessário considerar duas cadeias paralelas no plano da fala: a dos conceitos e a das imagens acústicas. Uma divisão correta é aquela em que as divisões realizadas na cadeia acústica correspondam às da cadeia dos conceitos. Só se tomam por unidades fônicas aquelas a que a língua atribui um determinado significado, e só se consideram como elementos de sentido aqueles que possuem na cadeia da fala um significante delimitável. Todavia, se, por um lado, o falante não apresenta dificuldades nesta delimitação, por outro, o lingüista se depara com grandes dificuldades teóricas quando busca dar conta do jogo das unidades através de uma “análise metódica”.

Será acaso certo que cada significante subministre sabiamente seu significado - e ele somente -, pois deixa o seguinte subministrar um novo conceito que se justapõe ao primeiro como uma informação se coloca ao lado das precedentes à semelhança da memória de uma máquina eletrônica? Será acaso certo que o efeito semântico de um significante é sempre, no desenrolar da compreensão, anterior ao aparecimento do significado seguinte? Além disso, será assim tão fácil determinar o teor de significação imputável a uma palavra? (DUCROT, 1968, p. 61)

O próprio Saussure reconhece que esse método de delimitação tem apenas um valor teórico. Em primeiro lugar, sua simplicidade é posta em cheque diante de cadeias homófonas. O genebrino dá como exemplo as cadeias “*si je la prends*” e “*si je l’apprends*”, em que o significado falha e só se pode decidir por um sentido ao se decidir por uma delimitação. Saussure levanta, ainda, outras dificuldades práticas da delimitação. Consideremos as palavras “*cheval*” e “*chevaux*”. Ainda que estejamos certos de que se trata de duas formas da mesma palavra, elas se diferenciam tanto no sentido quanto no som. O lingüista analisa também as cadeias sonoras “*le mois de décembre*” e “*un mois après*”. No primeiro caso, temos o significante [mwa], enquanto no segundo, temos [mwaz], de tal forma que o sentido é o mesmo, mas a porção de sonoridade não. Desta forma, se tomarmos as palavras como unidades concretas, acabamos por ignorar a relação existente entre “*cheval*” e “*chevaux*”, ou entre [mwa] e [mwaz]. Por fim, cabe lembrar que, para Saussure, a significação é, freqüentemente, a resultante única – e não a sucessão – dos significados que podem ser atribuídos aos elementos separados. Por exemplo, “*pereira*” não é a soma da idéia de uma pêra com uma idéia de árvore, sugerida pelo sufixo -eira, assim como “*caneta-tinteiro*” não é a justaposição da idéia de “*caneta*” e da idéia de “*tinteiro*”. Assim, torna-se necessário “*procurar a unidade concreta fora da palavra*” (SAUSSURE, 1970, p. 122).

Em resumo, este método de delimitação, apresentado no segundo capítulo da segunda parte do Curso de Lingüística Geral, é apenas uma introdução à complexidade do problema da segmentação. Como Ducrot (1968), pensamos que é no capítulo “*Mecanismo da Língua*” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 148-155) que se encontra a maior contribuição de Saussure para o problema delimitação das unidades. O lingüista observa, então, que a palavra “*desfazer*” só pode ser

analisada a partir de duas séries: a dos compostos de “fazer” (como “refazer”, “contrafazer”, “perfar”) e a dos compostos de “des-” (como “descolar”, “desmontar”, “desocupar”). É na medida em que estas formas “flutuam” em torno de “desfazer” que esta palavra pode ser decomposta em subunidades. “Assim, *desfazer* não seria analisável se outras formas contendo *des-* ou *fazer* desaparecessem da língua; não seria mais que uma unidade simples e suas duas partes não poderiam mais opor-se uma à outra” (*ibidem*, p. 150).

Ducrot (*op. cit.*, p. 64) levanta algumas questões bastante importantes a esse respeito. Por que podemos classificar em uma única série “desfazer” e “descolar”, ao passo que “despertar” não pode ser integrado nesta mesma categoria, embora sua aparência fônica nos convide a fazê-lo? Por que a segmentação “des-pertar” não é possível? Para agrupar “desfazer” e “descolar” em uma mesma categoria, não basta afirmar que elas apresentam fonemas semelhantes (ambas começam com [des]) e se referem à idéia de reversão de um processo. Afinal, tais semelhanças também poderiam ser encontradas, com um pouco de imaginação, entre “desfazer” e “despertar”.

Como argumenta Ducrot (*ibidem*), cumpre introduzir outros termos na comparação para classificarmos em um mesmo grupo “desfazer” e “descolar”, do qual se exclui “despertar”. Por exemplo, vemos que “desfazer” está para “refazer”, assim como “descolar” está para “recolar”, mas não como “despertar” está para “apertar”. Reconhecemos, portanto, a série de pares <desfazer / refazer; descolar / recolar; desmontar / remontar; desocupar / reocupar ...>, da qual “despertar” está excluído. “Tal seqüência constitui uma proporção em sentido matemático, uma equivalência de relações” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 64). Tendo em vista as considerações de Ducrot, podemos compreender melhor a metáfora em que Saussure compara a língua a uma álgebra em que só existem termos complexos. A relação entre dois termos não se funda, pois, nestes termos considerados isoladamente, mas nas relações que cada um estabelece. Só se pode justificar uma determinada classificação lingüística se ela for colocada em relação com outras classificações.

Ducrot vai ainda mais longe, introduzindo a noção de que um elemento pode pertencer mais ou menos a uma classe². Por exemplo, “*déjeuner*” pertence menos à série <*défaire*, *décoller* ...> do que “*déplacer*”. Afinal, se por um lado o par “*jeuner*” / “*déjeuner*” é análogo a “*faire*” / “*défaire*”, por outro não existe a parêntese “*rejeuner*” / “*déjeuner*” para se colocar em paralelo com “*refaire*” / “*défaire*”. Assim, poder-se-ia admitir que os elementos de “*dé-jeuner*” são menos separados do que os de “*dé-faire*”, o que vai ao encontro do sentimento dos falantes de que a segmentação “*dé-jeuner*” não é totalmente inadmissível, embora não muito natural. De maneira análoga, poderíamos acrescentar, é possível segmentar a palavra “desculpar” em duas subunidades: “des-” e “culpar”³. Com efeito, “desculpar” está para “culpar” assim como “fazer” está para “desfazer”. Porém, “desculpar” tem um grau de pertença menor à série <desfazer, desatar,

² Essa visão ducrotiana parece ir ao encontro da de Culioli (2003, p. 142), que, ao argumentar que a negatividade na teoria saussureana implica a construção da alteridade, afirma: « Saussure n’a jamais dit que la différence qui fonde la valeur est une différence en tout ou rien. Tout ce qu’il postule, c’est que c’est différent. [...] On s’aperçoit qu’il peut y avoir une différence à l’intérieur d’une différence, c’est-à-dire qu’on peut avoir des différences de degré, ou de qualité, ou de catégorie : dès lors, le problème de l’identité – d’une entité qui se donne comme une multiplicité – va se poser en termes totalement distincts du tout ou rien initial ».

³ Esse exemplo nos foi fornecido pela Profa. Dra. Rosa Attié Figueira (IEL / Unicamp), que relatou, em uma aula sobre o prefixo “des-”, a surpresa de uma aluna ao reconhecer na palavra “desculpar” dois morfemas.

descolar ...>, porque não existe a parelha <desculpar / reculpar>, para contrapor a <fazer / refazer>, <atar, reatar>, <colar / recolar>. Assim, os elementos de “des-culpar” são menos separados do que os de “des-fazer”, “des-atar” ou “des-colar”.

Em resumo, podemos, com base em Ducrot (1968), afirmar que o problema da segmentação nos leva invariavelmente à noção de sistema, uma vez que a delimitação de um elemento pressupõe na língua uma organização interna, uma ordem própria. Para justificar uma determinada segmentação, é essencial introduzir o elemento em questão em uma classe de palavras para as quais se admite uma análise idêntica. E para fundamentar esta introdução, não basta apenas os elementos da classe; é preciso ter em vista as séries que cada um estabelece, isto é, a organização mais ampla na qual cada elemento se integra. Daí a afirmação de Ducrot (1968, p. 66): “A descoberta dos elementos e a do sistema constituem uma única tarefa”.

3. A IDENTIFICAÇÃO DAS UNIDADES LINGÜÍSTICAS

O problema da segmentação das unidades, discutido na seção anterior, é tão complexo quanto a sua identificação. Saussure mostra a dificuldade de se provar que a mesma unidade está presente em dois atos de fala diferentes. Neste ponto, entra em questão a teoria do valor, a qual nos permite compreender por que a identificação das unidades lingüísticas, da mesma forma que a sua segmentação, traz à tona a noção de sistema lingüístico.

Ducrot (*ibidem*) lembra que, para Saussure (1970), um dos maiores erros da Lingüística tradicional foi atribuir aos signos lingüísticos uma identidade material, baseada na suposta estabilidade de sua constituição fônica ou de seu conteúdo semântico. Antes de examinarmos um exemplo lingüístico que permite questionar tal idéia, retomemos algumas analogias feitas por Saussure ao discutir a teoria geral da identidade em que a noção de valor se apóia.

Todos concordamos que o expresso das 8:25 de Genebra a Paris é o mesmo trem todos os dias, embora os vagões, os passageiros e os funcionários mudem diariamente. Mesmo que sempre parta com meia hora de atraso, não deixará de ser o expresso das 8:25 de Genebra a Paris. Isso porque a identidade do trem se estabelece a partir da sua posição no sistema de trens, isto é, da sua relação com os outros trens. O que faz o expresso é a sua hora de partida, seu itinerário e tudo aquilo que o diferencie dos outros expressos. Outra analogia feita por Saussure é a seguinte: se uma rua é arrasada e depois reconstruída de cima a baixo, dizemos que é a mesma rua. Afinal, “a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha a sua matéria ocasional, por exemplo, sua situação relativamente às outras” (*ibidem*, p. 126).

A analogia mais importante feita por Saussure é, entretanto, a do jogo de xadrez. Suponhamos que uma das peças – por exemplo, um cavalo – tenha sido perdida. Naturalmente, poderíamos substituí-la por outra, ainda que essa fosse feita de um material diferente das demais peças do jogo e não possuísse a menor semelhança com um cavalo. O importante é que esta nova peça não seja confundida com os objetos que representam peças de valor diferente. As unidades do jogo de xadrez não têm identidade material, uma vez que não há nenhuma propriedade física indispensável ao cavalo, bispo, etc. A identidade se dá, portanto, em função das diferenças dentro do sistema. O mesmo ocorre na língua, em que o significante e o significado não guardam nenhuma característica essencial, exceto que devem se opor aos outros.

Para refutar a idéia de que os signos lingüísticos têm uma identidade material, Saussure analisa a palavra “*Messieurs*”, mostrando que a entidade lingüística se funda em condições a que é estranha sua matéria ocasional. Quando um orador repete “*Messieurs, Messieurs*” para chamar atenção dos seus interlocutores, ninguém negará que se trata da mesma palavra. Entretanto, os sons efetivamente produzidos certamente terão sido diferentes - uma análise acústica simples pode prová-lo. Da mesma forma, também há diferenças semânticas nas duas ocorrências de “*Messieurs*”. Afinal, a repetição da palavra pode trazer, por exemplo, um traço de irritação, inexistente na primeira vez em que a palavra foi proferida. Assim, o que fundamenta a identidade da palavra “*Messieurs*” nas diferentes ocorrências, se tanto a sonoridade quanto o sentido não são constantes?

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que o que importa na palavra não é o som em si, mas as oposições fônicas que possibilitam a distinção entre esta palavra e outra. Cabe então a pergunta: até que ponto os sons efetivamente produzidos em “*Messieurs*” podem variar? Ora, os sons pronunciados podem mudar consideravelmente, desde que a alteração fônica não acarrete uma diferença de sentido. Em outras palavras, o significante lingüístico “não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (SAUSSURE, 1970, p.138). Da mesma forma, a parte conceitual do signo é mantida exclusivamente pelas diferenças com os outros termos do sistema. Por exemplo, “*Messieurs*” pode, eventualmente, trazer uma idéia de superioridade social, mas, se se procura introduzir a idéia de pertença a uma casta fechada, hereditária, utiliza-se a palavra “*princes*”.

Assim, as zonas fônicas e semânticas atribuídas a um signo só terminam onde começa o domínio de outro. Nas palavras de Ducrot (1968, p. 72-73), “a unidade lingüística é **expansionista**, e nada permite prever onde se deterá: somente a resistência de outras a contém” [grifo nosso]. Os signos, portanto, exercem uns sobre os outros uma limitação negativa: “sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 136). Logo, a delimitação de uma unidade só pode ser feita se considerarmos outras unidades que, seja pelo som ou pelo sentido, constituem suas fronteiras. Aquilo que Saussure nomeia “série associativa”, conforme argumenta Ducrot (*op. cit.*), é o conjunto das palavras que limitam um signo, sendo, portanto, indispensáveis para a sua identificação. “Mas se cada signo só pode ser determinado pela oposição àqueles que constituem seu paradigma, ele é indispensável deles, e isso desde o começo da pesquisa lingüística” (*ibidem*, p. 73). Desta maneira, o problema da identificação das unidades nos leva à mesma conclusão que o problema da segmentação: não se pode falar de unidades lingüísticas sem se admitir, simultaneamente, a ordem própria da língua.

4. A NATUREZA DAS UNIDADES LINGÜÍSTICAS

Segundo Culler (1979), o princípio da arbitrariedade do signo ocupa uma posição central na teoria saussureana, de tal modo que, a partir dele, podemos “derivar” vários outros princípios. Com efeito, encontramos a seguinte passagem em Saussure (1970, p. 82):

O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém⁴; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. **O princípio enunciado acima domina toda a lingüística da língua; suas conseqüências são inúmeras.** É verdade que nem todas aparecem, à primeira vista, com igual evidência; somente ao cabo de várias voltas é que as descobrimos e, com elas, a importância primordial do princípio. [grifo nosso]

Vale lembrar, em primeiro lugar, que o signo lingüístico é uma entidade bipartida, cujos elementos são indissociáveis. A face que pode se tornar sensível é denominada “significante” e a face ausente, que “assinala uma falta nela mesma”, é o “significado” (DUCROT & TODOROV, 2001, p. 102). É essencial ter em vista que tanto o significante quanto o significado possuem natureza psíquica: aquele corresponde a uma imagem acústica, a uma impressão psíquica do som, e não ao som em sua característica material, física; este corresponde ao conceito, e não ao objeto real. O som em si, assim como o objeto em si, pertencem à ordem das coisas, e não à ordem da língua. É importante destacar, ainda, que, dado que os constituintes do signo são de natureza heterogênea, a relação entre o significante e significado é arbitrária, isto é, imotivada: não há nenhum elo natural entre um determinado significante e seu respectivo significado.

Feitas estas considerações acerca da natureza do signo lingüístico, analisemos os motivos pelos quais Saussure, segundo notas de seus alunos, afirmava reiteradamente para si próprio: “O lugar hierárquico desta verdade é o próprio topo. Só pouco a pouco é que se reconhece como muitos fatos diferentes são apenas ramificações, conseqüências ocultas desta verdade” (ENGLER, p. 153, *apud* CULLER, 1979).

Como a relação entre significante e significado é arbitrária, não há nenhuma propriedade específica ou essência fundamental de sentido que o conceito deva manter para ser significado próprio daquele significante, ou vice-versa. Assim, uma língua não apenas escolhe arbitrariamente seus significantes, mas também produz significados contingentes, articulando diferentemente o plano conceitual. Desta maneira, tanto os objetos fonológicos quanto os semânticos são resultados da formalização de uma substância, de um recorte num *continuum* – seja ele o *continuum* fisiológico da matéria sonora, seja o *continuum* psicológico da matéria a significar – em objetos lingüísticos, de natureza psíquica. Como argumenta Culler (*ibidem*), o fato de os significados e os significantes serem divisões arbitrárias de um *continuum* significa que eles não são entidades autônomas, positivas, mas sim membros de um sistema, no qual se definem através das relações que estabelecem com outros significados e significantes. Voltamos, assim, à questão do valor, e, portanto, à noção de sistema.

Em resumo, a própria natureza do signo lingüístico nos remete à noção de sistema. Nas palavras de Culler (1979, p. 20),

porque o signo é arbitrário, porque é o resultado da divisão de um continuum de maneiras peculiares à língua a que pertence, não podemos tratar o signo como uma entidade autônoma, mas devemos vê-lo como parte de um sistema. [...] Esta é uma conseqüência importante, embora paradoxal, da natureza arbitrária do signo.

⁴ Cf. o polêmico artigo em que Benveniste (1989) questiona tal princípio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Ducrot (1968, p. 55),

Acreditamos descobrir [...] desde o século XVIII e XIX, a idéia de que cada língua possui uma organização que lhe é própria e que merece, por sua regularidade, ser considerada como uma ordem. O papel de Saussure não é, pois, certamente, o de ter introduzido esse tema, e sim o de o ter reencontrado, e sobretudo ter podido impô-lo, após o êxito impressionante da gramática comparada.

O autor nos mostra que o Estruturalismo teve uma história bastante peculiar na Lingüística, uma vez que a noção de “estrutura” não foi introduzida nesta área, mas sim reavaliada. Façamos um breve resumo das considerações de Ducrot acerca do desenvolvimento do conceito de “estrutura” ao longo dos séculos.

Para as gramáticas gerais do século XVIII, a organização interna da língua é um decalque da ordem do pensamento. Nota-se, portanto, a recusa de se reconhecer uma organização lingüística que não seja racionalmente motivada. A descoberta de uma organização interna da palavra, imotivada e regular, no século XVIII, representou um dos primeiros esboços do conceito moderno de estrutura lingüística. Afinal, se os componentes de uma palavra apresentam de fato uma organização, esta não pode ser a representante de uma ordem exterior, como a do pensamento humano. O arranjo interno da palavra só pode, portanto, ser justificado a partir de uma ordem própria da língua. Humboldt, por sua vez, considera que a organização lingüística é autônoma e arbitrária, sendo utilizada pela língua para exercer sua função de representação.

Desta maneira, os diacronistas do século XIX possuíam um conceito de estrutura. Todavia, em razão de seus métodos de estudo, acabaram abandonando o exame das estruturas lingüísticas. Um dos principais motivos para este abandono foi que as gramáticas a comparar tinham organizações diferentes, de maneira que, para se identificarem dois elementos, era necessário considerá-los independentemente do conjunto em que cada um se integrava. Segundo Ducrot (*ibidem*, p. 48) “Para sustentar que os termos comparados eram de fato comparáveis, os historiadores só tinham duas soluções. Ou decidir que a situação do elemento não lhe afeta a identidade [...], ou refazer um dos sistemas até que seja calcado um no outro [...]”.

Conforme lembra o autor (*ibidem*), os próprios diacronistas reconheciam que seu método negava a especificidade das organizações gramaticais. Alguns chegaram a fornecer explicações teóricas para esta atitude. Schleicher, por exemplo, considerava que a língua atravessa dois períodos: o da formação e o do declínio. Segundo ele, todas as línguas conhecidas se encontram em declínio, razão pela qual não se poderiam atribuir aos diversos estados uma organização sistemática. Eventuais manifestações de ordem nas línguas seriam apenas vestígios acidentais de seus antigos estatutos. Desta forma, os estudos comparativos só poderiam vincular elementos a elementos, independente dos sistemas.

Posto isso, fica claro que a verdadeira contribuição de Saussure não foi introduzir o conceito de sistema lingüístico, mas sim trazer um novo sentido a esta noção. As pesquisas da gramática comparada se sustentavam na noção de elemento, uma vez que o parentesco

se provava comparando palavras com palavras. Saussure atém-se a esta mesma noção, mostrando, porém, que as unidades lingüísticas não podem ser desvinculadas da noção de sistema. Nas palavras de Ducrot (*ibidem*, p. 56), “pressupor nos elementos o sistema, eis o que constitui, a nosso ver, o contributo próprio de Saussure ao Estruturalismo lingüístico”.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. Natureza do signo lingüístico. In: *Problemas de lingüística geral*, volume I. Campinas: Pontes, 1989.
- CULIOLI, A. Un linguiste face aux textes saussuriens. Entretien avec Simon Bouquet, *Cahier de L’Herne* 76, *Saussure*. Paris: Editions de L’Herne, 2003. p. 137-140.
- CULLER, J. *As idéias de Saussure*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DUCROT, O. *Estruturalismo e Lingüística*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1968.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário Enciclopédico das ciências da linguagem*. Trad. A. K. Myashiro et alii. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*.. Paris : Payot, 1969.
- _____. *Curso de lingüística geral* Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2ª ed., São Paulo: Cultrix, 1970.